

**PÉ NA**  
**ESTRADA**  
BETH REEKLES

TRADUÇÃO  
IVAR PANAZZOLO JUNIOR



Copyright © Beth Reeks, 2020

Título original: Road Trip

Tradução para Língua Portuguesa © 2018, Ivar Panazzolo Junior

Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

**Produção editorial** Aline Santos, Bárbara Gatti, Fernanda Costa, Jaqueline Lopes, Mariana Rodrigueiro, Natália Ortega, Renan Oliveira e Tâmizi Ribeiro

**Adaptação capa** Marina Avila

**Fotos** Copyright © Bethan Reeks e Shutterstock Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

R255p

Reeks, Beth

Pé na estrada / Beth Reeks; tradução de Ivar Panazzolo Junior. — Bauru, SP : Astral Cultural, 2020.

144 p.

Título original: Road Trip

ISBN: 978-65-5566-039-5

1. Literatura inglesa 2. Literatura juvenil 3. Adolescentes - Ficção 4. Férias - Ficção I. Título II. Panazzolo Junior, Ivar

20-2434

CDD 823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa 823



ASTRAL CULTURAL É A DIVISÃO LIVROS DA EDITORA ALTO ASTRAL

BAURU

Av. Nossa Sra. de Fátima, 10-24

CEP 17017-337

Telefone: (14) 3235-3878

Fax: (14) 3235-3879

SÃO PAULO

Rua Helena, 140, Sala 13

1º andar, Vila Olímpia

CEP 04552-050

E-mail: [contato@astralcultural.com.br](mailto:contato@astralcultural.com.br)



– **VOCÊ AINDA NÃO COMPROU AS PASSAGENS, NÃO É?**

Eu gemi, baixando rapidamente o volume do meu computador quando Lee Flynn, confuso e preocupado, surgiu na janela do FaceTime.

Olhei para ele e depois para a tela do meu computador. Duas passagens de avião para Nova York, com bagagem inclusa, uma para o Sr. Lee Flynn e outra para a Srta. Rochelle Evans.

— Cara, você não precisa gritar. Estou fazendo isso agora mesmo. E escolhendo nossos assentos. Você vai ficar no corredor, sei que gosta da janela, mas vai levantar toda hora para ir ao banheiro e eu não vou conseguir suportar isso. Você sabe que vai custar vinte dólares a mais para cada um de nós incluir...

— Abortar a missão, Shelly! — gritou meu melhor amigo. Lee se aproximou do telefone até eu poder enxergar somente a metade de cima de seu rosto, com a testa franzida e as sobrancelhas unidas. Seus cabelos castanhos estavam desgrenhados, espetados e fazendo ângulos estranhos, e seus olhos azuis me fuzilavam através da tela. — Não compre as passagens.

— O quê? Mas...

Minha mente estava confusa. Por que ele não queria que eu comprasse as passagens? Vínhamos planejando essa viagem há semanas. As férias de primavera estavam chegando e decidimos celebrar a ocasião com uma viagem pelo país. Era o nosso último ano na escola; estávamos nos esforçando muito para conseguir tirar notas boas para os processos seletivos da faculdade e merecíamos uma pausa.

Além disso, Noah, o meu namorado e também o irmão mais velho de Lee, estava cursando seu primeiro ano da faculdade em Boston, do outro lado do país. E devo admitir que isso era um fator enorme para que eu quisesse conhecer a costa leste. Mas não era um desejo totalmente egoísta; Rachel, com quem Lee namorava há cerca de um ano, tinha acabado de ser aceita na Universidade Brown, que ficava a cerca de uma hora de distância de Harvard. Rachel e seus pais iam viajar até lá para conhecer o campus. Enquanto eu estivesse com Noah, Lee iria até Rhode Island para se encontrar com Rachel.

O plano era pegar um avião até Nova York e, de lá, ir de carro até Boston, mas não antes de passar um dia em Nova York para visitar alguns pontos turísticos da cidade. Eu estava empolgada para conhecer a Estátua da Liberdade. Nunca havia estado em Nova York antes. Na verdade, quase não sei muito da Califórnia.

Já tínhamos planejado tudo: uma viagem incrível para celebrar o nosso último ano no ensino médio. E, de repente, Lee estava gritando comigo e mandando eu abortar a missão?

— Você e Noah brigaram? — exigi saber, encarando-o com uma expressão séria.

Lee e Noah tinham um companheirismo sólido, mas nem sempre concordavam em tudo. Eu já deveria saber. Vi os dois crescerem juntos e os conhecia muito bem. Lee e eu tínhamos a mesma idade, nascidos, inclusive, exatamente no mesmo dia e fomos amigos durante a vida inteira. Nossas mães também eram boas amigas, até que a minha mãe faleceu em um acidente de carro quando eu era mais nova.

Por sua vez, Lee e Noah nunca tiveram grandes brigas. A única vez em que realmente os vi brigar de verdade foi no verão passado, quando Lee descobriu sobre Noah e eu estarmos namorando escondidos. E ainda me sinto um tanto culpada por não ter contado a Lee, embora ele tenha me perdoado. Foi a única vez na vida em que menti para ele.

— Não, nada disso — hesitou Lee.

— Você brigou com Rachel, então? Lee, que droga está...

— Estraguei tudo — disse ele, segurando o celular a uma distância maior para que eu pudesse ver o rosto dele. Fiquei abalada pela intensidade fatal daquela expressão de cachorro sem dono... algo que nem sempre funcionava comigo. — Você se lembra de que eu ia cuidar do aluguel do carro, não é?

— Sim. E daí?

— E daí que nenhuma locadora vai nos aceitar como clientes, porque ainda não temos dezoito anos.

Gemi e me debrucei por sobre a mesa, pressionando as mãos contra o rosto. Aquilo não deveria ter me surpreendido. Geralmente, eu era a pessoa mais organizada de nós dois, uma qualidade que atribuía ao fato de ter passado muito tempo cuidando do meu irmão mais novo. Lee era muito mais espontâneo e focado no momento presente. É claro que ele não havia se dado conta da restrição de idade até o último minuto. Exasperada, gritei:

— Lee! Você disse que tinha tudo sob controle!

— Bem, pensei que sim! Sabe, pesquisei no Google e descobri que havia algumas taxas extras se o motorista tiver menos de vinte e cinco anos, e isso não era um problema. Mas... depois, pensei que talvez pudesse alugar o carro usando o nome de Noah...

— Lee!

— Mas a minha mãe me ouviu pedir a ele pelo telefone...

— Ai, meu Deus! — bufei. Eu amava meu melhor amigo mais do que qualquer coisa, mas às vezes ele acabava se empolgando demais. — Por favor, me diga que não estava realmente pensando em fazer isso. Tenho certeza de que isso deve ser crime.

— Poupe-me do sermão. Minha mãe já gritou comigo por causa disso. Eu disse que era só uma brincadeira, mas... no fim

das contas, Noah nunca ia concordar com isso. Fiquei chocado. Ele era o *bad boy* da escola, sempre se envolvendo em brigas e matando aula. Ele até fumava. Foi só passar uns meses em Harvard e agora ele é o moço bonzinho da história?

Revirei os olhos. Por mais irritada que estivesse por Lee considerar aquela como a nossa segunda opção, não consegui evitar um sorriso quando ele falou desse jeito sobre Noah. Apesar de ser o *bad boy* da nossa escola, como Lee disse, Noah mudou muito desde que foi para a faculdade. Todo mundo o achava bastante intimidador, mas Lee e eu o conhecíamos muito bem. Noah era o meu *crush* impossível desde que eu tinha uns doze anos de idade. E que acabou não sendo tão inalcançável assim quando começamos a namorar no ano passado, depois de nos beijarmos na barraca do beijo que montei com Lee para o Festival da Primavera.

A faculdade podia ter amansado um pouco do espírito *bad boy* dele, mas ainda assim era o nosso Noah. Ainda era o meu Noah, pensei, com aquela sensação de borboletas no estômago e um calor gostoso se espalhando pelo corpo.

Assim que aquele pensamento surgiu na minha mente, a preocupação começou a me dominar. Eu não via Noah desde o Natal, e... bem, ele havia mudado bastante desde que foi para a faculdade. Eu esperava que ele ainda fosse o meu Noah... Afastei aquele pensamento. Tudo seria como sempre foi entre nós. Não poderia ser diferente.

— Bem, de qualquer maneira... — Lee falou, de repente, me fazendo parar de pensar no meu namorado. Ele estava com um sorriso enorme no rosto, algo que eu não esperava. — Não compre as passagens. Vamos de carro até lá.

— O quê?

— Bom, não seria uma viagem tão longa, não é, Shelly? — disse ele, erguendo as sobrancelhas. — Somente o trecho de Nova York até Boston?



— São cinco horas de viagem, Lee.

— Exato. Não dá para cruzar o Texas em cinco horas.

— E quanto tempo demoraria uma viagem de carro daqui até Boston? — perguntei, abrindo uma nova aba no navegador para pesquisar. Não fazia nem um ano desde que comecei a dirigir e, definitivamente, nunca tinha feito uma viagem longa. Especialmente uma viagem que atravessasse o país.

— Uns dois dias — disse Lee tão rápido que quase nem ouvi. — E se nos alternarmos dirigindo e dormirmos na estrada, vamos chegar bem rápido. Além disso, a escola ainda vai ficar uma semana inteira fechada depois do feriado, lembra? Eles têm que consertar todos aqueles encanamentos quebrados e trocar a fiação. Vamos ter tempo suficiente para ir até lá de carro e voltar. E ainda vamos conseguir conhecer os lugares e sair com a turma.

Uma voz sensata no fundo da minha cabeça me dizia que aquilo era algo completamente ridículo. Mesmo se nos alternássemos, com um de nós dirigindo enquanto o outro dormia, provavelmente levaríamos uma semana para chegar. Era uma sugestão maluca. Devíamos simplesmente pegar um avião até Boston, porque, claro, essa era a coisa mais fácil a fazer. Mas Lee e eu não gostávamos de coisas fáceis, muito pelo contrário, gostávamos de maluquices.

Meu pai provavelmente ia suspirar, esfregar os olhos e perguntar se realmente tínhamos noção do que estávamos fazendo. Noah ia rir e dizer que mal chegaríamos a sair da Califórnia antes de dar meia-volta e entrar em um avião. Os pais de Lee provavelmente revirariam os olhos e jogariam as mãos para cima, sabendo que seria impossível nos convencer do contrário e nos dariam bastante dinheiro para gasolina. E a mãe de Lee insistiria para que mandássemos mensagens em intervalos regulares para ter certeza de que estávamos bem.

Enquanto repassava aquilo na cabeça, a voz sensata e

incômoda foi ficando cada vez mais baixa, até desaparecer inteiramente e ser substituída pela voz de Lee.

Ele não chegou a perceber os meus devaneios. Estava ocupado demais me dizendo que nem se importava em viajarmos no seu precioso Mustang 65 conversível, que viajar de carro seria bem mais divertido do que ir de avião e será que eu não achava legal a ideia de atravessar o país com o pé na estrada? E faríamos aquilo que todo mundo espera poder fazer algum dia. Estaríamos livres dos nossos pais e das responsabilidades; seríamos somente nós e a estrada. Seria, sei lá, um rito de passagem. E uma coisa totalmente adulta: atravessar o país para encontrar nossos pares e conhecer faculdades, ainda assim. Lee garantiu que ainda poderíamos visitar Nova York, mesmo que fosse somente para atravessar a cidade.

— Vamos lá — implorou Lee. — Este é o nosso último ano, Elle. Este deveria ser o nosso ano, não se lembra? O *grand finale* da nossa jornada pelo ensino médio. Esta poderia ser a nossa última grande aventura antes do resto de nossas vidas!

Ele finalmente parou de falar para tomar fôlego. Seus olhos brilharam e sua boca se abriu em um sorriso enorme, enquanto ele esperava ansioso pela minha decisão.

— Lee... — falei, com uma expressão grave no rosto.

Eu o ouvi engolir em seco, pronto para ter sua ideia rechaçada.

— Esteja aqui em dez minutos. Temos que sair para comprar uns petiscos para viajar.

**JUNE FLYNN ABRAÇOU O FILHO COM FORÇA E, EM SEGUIDA, SE** virou para me fazer o mesmo comigo.

— Tenham cuidado na estrada, está bem? Não passem do limite de velocidade. Juro por Deus, Lee, se você voltar com uma única multa por excesso de velocidade que seja, vou lhe deixar de castigo até a sua formatura da faculdade. E você, mocinha... — Ela se virou para mim com uma sobrancelha erguida e os braços cruzados. — Cuide dele, está bem? Não quero que nenhum dos dois dirija se estiver cansado.

— Nós já sabemos, mãe. — Suspirou Lee.

Eu já tinha passado por aquela mesma conversa mais de doze vezes com meu pai antes de ir para a casa de Lee. Brad, meu irmão de onze anos, passou os últimos dias emburrado e se queixando em voz alta pela casa. Lee e eu só havíamos contado aos nossos pais sobre a viagem até o outro lado do país depois que terminamos de planejar nossa rota, decidimos onde queríamos parar e montamos uma playlist. Brad estava louco para vir com a gente. Chegou até mesmo a tratar Lee com frieza antes da nossa partida... algo bem importante. Brad idolatrava Lee.

— Eu não posso mesmo ir com eles? — implorou Brad para o meu pai.

Lee se agachou e colocou a mão no ombro de Brad.

— Ei, amigão — sussurrou ele. — Olhe, cá entre nós... vai ser uma viagem muito chata. Vamos ficar enfurnados nesse carro por dias. E vai haver muito trânsito também. Se você realmente quer passar quase uma semana preso em um carro com a sua

irmã...

Brad pensou naquilo por alguns minutos, fazendo um beicinho antes de perguntar:

— Vocês vão me mandar fotos se pararem em algum lugar legal? E me trazer um *souvenir* de Nova York?

— Juro por Deus — prometeu Lee.

O sermão de June era muito parecido com o do meu pai, embora ela mandasse que Lee me escutasse e me lembrasse para cuidar de Lee. Meu pai, por sua vez, fez com que Lee jurasse que ia cuidar de mim e me disse que eu devia escutar o que ele dizia.

— E se vocês tiverem um acidente...

— Já sei, mãe. Meu pai já me disse cem vezes o que devo fazer. Tenho seguro e Noah me ensinou a trocar pneus. Estamos preparados.

June franziu os lábios por um longo momento antes de abraçar nós dois.

— Vou rastrear vocês pelo Find My Friends.

— Você não devia ter ensinado minha mãe a usar isso — murmurou Lee para mim.

Dei de ombros, pois não me arrependia muito. Tinha recebido uma boa quantidade de mensagens de June perguntando se eu tinha notícias de Noah, pois ela não recebia notícias dele há algum tempo e estava preocupada. Ela imaginou que teríamos conversado e, se não tivéssemos, ela estaria certa em se preocupar. Após algum tempo, aquilo começou a ficar demais para mim, e eu mostrei a ela como se usava o Find My Friends para fazer com que ela ficasse mais calma.

Terminamos de nos despedir. O velho Mustang 65 conversível de Lee já estava carregado com as nossas malas, vários petiscos, bebidas e alguns cobertores. Montamos uma playlist de quinze horas e trinta e dois minutos para a viagem e

Lee mandou trocar o aparelho de som do carro havia algum tempo, de modo que pudéssemos conectar nossos celulares.

June esperou na varanda para acompanhar nossa partida, com o blusão enrolado ao redor do corpo e uma mão erguida para proteger os olhos do sol. Lee verificou os espelhos e deu a partida no motor enquanto eu afivelava o cinto de segurança. Ele deixou a capota aberta; assim, prendi o cabelo em um rabo-de-cavalo para que não ficasse todo desgrenhado pelo vento. Tirei os óculos de sol da gola da minha blusinha e os coloquei no rosto; em seguida, conectei o meu celular. O Spotify estava aberto em uma das janelas e, em outra, a nossa rota.

Meu celular tocou. Era uma mensagem de Noah. Meu coração parou por um instante e segurei o celular com carinho para lê-la.

*Mal posso esperar até a gente se encontrar daqui a uns dias. Planejei um monte de coisas para quando você chegar.*

*Beeijos.*

O cinto de segurança de Lee se fechou com um clique. A primeira música começou a tocar. Era uma das escolhas de Lee: “Shut Up and Drive”, da Rihanna. Ele sorriu para mim, com os olhos azuis reluzindo sob o sol, os cabelos castanhos penteados para trás, e os dedos flexionados ao redor do volante. Ele pisou algumas vezes no acelerador, sem engatar a marcha.

— Está pronta, Shelly?

— Prontíssima — respondi e minha mente começou se concentrar no reencontro com Noah. — Agora, cale a boca e dirija.

...

**QUANDO PENSAMOS NO ASSUNTO, ATRAVESSAR O PAÍS DIRIGINDO**

praticamente sem parar durante quatro ou cinco dias não parecia ser tão divertido. Afinal, passaria o tempo todo sentada em um carro, ficaria presa no trânsito, pegaria comida em lanchonetes de beira de estrada. Além disso, nós tínhamos um destino para alcançar, então não podíamos ficar parando em qualquer cidade que cruzássemos, ou ir ver a Maior Bola de Lã do Mundo, visitar o Museu dos Cadarços ou qualquer coisa pela qual passássemos.

Brad definitivamente odiaria essa experiência. Mas, depois de quatro horas, já estávamos quase chegando ao Arizona e eu estava amando cada segundo. Desde que Lee e eu começamos a conversar sobre uma viagem curta de Nova York a Boston, eu vinha imaginando tudo aquilo: uma música indie suave e um pouco melancólica tocando, provavelmente com um banjo, Lee e eu rindo, as janelas abertas e o sol brilhando em nossas caras. Eu disse a mim mesma que aquilo era só uma fantasia...

Mas era quase exatamente como as coisas estavam acontecendo agora.

Claro, a música no aparelho de som não era de uma banda indie que tinha um banjo entre os instrumentos. Era um dueto de Os Miseráveis, e Lee conhecia cada palavra. Rachel fazia parte do grupo de teatro da escola e Os Miseráveis era a produção deste ano. Lee, o namorado sempre solícito, a ajudou com vários ensaios. E colocou várias faixas do musical em nossa playlist, inclusive.

— Vamos lá, Shelly! — exclamou ele, com o rosto marcado pelo riso. — Você prometeu que ia cantar as outras partes!

— Por que eu não posso ser aquela garota? Por que você tem que ser Eddie Redmayne?

— Porque eu sempre sou Marius. Nunca consegui ser Cosette. Me faça esse favor, Shelly. Vamos começar de novo. Ah, me passe outra daquelas balas.

Dei uma bala para ele. Havíamos calculado cuidadosamente

os petiscos antes de sair, e eu fiquei encarregada de cuidar do racionamento da comida enquanto Lee estava ao volante. Fiquei feliz por termos pensado em tudo antecipadamente; caso contrário, nós dois fatalmente já teríamos devorado um estoque de dois dias de petiscos a essa altura.

Era a quinta vez que Lee colocava a mesma música para tocar e eu já estava começando a decorar a letra. Lee até que cantava muito bem, mas tinha um sotaque francês horrível e exagerado. Eu não parava de explodir em risadinhas, independentemente do quanto tentasse ficar séria. Tivemos que aumentar bastante o volume para escutá-lo em meio ao barulho do vento e dos outros carros, mas quando Lee não conseguiu mais resistir e parou de cantar no meio de uma estrofe, tudo que consegui ouvir foi a risada dele.

A capota estava aberta e o vento soprava ao nosso redor, embolando os meus cabelos e desgrenhando completamente os de Lee. O sol estava um pouco quente, mas isso não me incomodava; o céu tinha aquele tom de azul-claro que nunca fica tão bonito em uma foto, não importa quantos filtros você aplique. A estrada se estendia à nossa frente. Palmeiras haviam dado espaço a arbustos e montanhas cinzentas e marrons começavam a se enfileirar no horizonte.

O sol e o vento estavam no meu rosto; Lee estava gritando e rindo ao meu lado, e a promessa da viagem ainda estava para ser cumprida. Eu nunca me senti tão livre.

**PARAMOS PARA JANTAR HAMBÚRGUERES E, EM SEGUIDA,** assumi o volante. Lee comeu tanto naquela lanchonete que caiu no sono depois de uns dez minutos. Assim, fechei a playlist de músicas e abri outra com podcasts. Havíamos cantado tanto durante a primeira parte do percurso que a minha garganta estava até doendo um pouco. Cada segundo havia valido a pena, mas eu precisava descansar a minha voz antes do próximo trecho de cantorias épicas.

A capota do carro estava levantada de novo. O ar noturno estava frio e refrescante. Sem as luzes da cidade, o céu estava negro e escuro, pontilhado de estrelas brancas e prateadas que piscavam.

Por volta da meia-noite, meu celular tocou. Apertei o botão do bluetooth no som do carro e atendi à ligação.

— Alô?

— Não acredito que vocês estão vindo de carro da Califórnia até Boston — disse uma voz grave e macia que fez meu coração parar de bater. Meu rosto se abriu em um sorriso.

— Noah. Oi.

— Sabe, se vocês tivessem simplesmente embarcado em um avião até Boston e se esquecido dessa viagem de carro, já poderiam estar aqui.

Noah soltou um suspiro suave. Era ainda mais tarde para ele. Imaginei que talvez tivesse ido a uma festa ou coisa do tipo. Imaginei Noah deitado em sua cama, com um braço sob a cabeça enquanto se espreguiçavam com um sorriso calmo e torto no rosto que mostrava a covinha que ele tinha na bochecha



esquerda. Imaginei os olhos dele já quase fechados e na facilidade que eu teria para me deitar ao seu lado e beijá-lo. E desejei já estar lá.

— Liguei o viva-voz — avisei a ele.

— Oi, Lee.

— Ele está dormindo — falei após um instante. — Mas, você sabe. Ele pode acordar. Ou, como já o conheço bem, pode fingir que está dormindo para escutar a nossa conversa e depois ficar me provocando durante os próximos dias, porque não tenho como escapar. Por isso, não diga nada que possa me constranger muito, ou que seja romântico demais.

Noah riu.

— E como está indo a viagem por enquanto?

— Está ótima! Até sobraram alguns dos petiscos que compramos hoje. Para ser sincera, achei que já teríamos comido todos os doces e os salgadinhos antes de passarmos pela divisa do estado. E só levamos um susto até agora, quando quase batemos o carro.

— O quê?

Eu fiz um gesto irritado, franzindo a testa enquanto me lembrava do episódio.

— Um cara nos deu uma fechada para pegar uma saída da estrada interestadual no último segundo. Tinha um monte de carros buzinando. Não contamos essa parte para a sua mãe quando ligamos para ela durante o jantar.

— Provavelmente foi melhor assim.

— Por que você está acordado, então? Já devem ser duas da manhã por aí, não?

— Saímos para jogar boliche e ficamos até tarde. Tentei fugir antes de começarem a cantar no karaokê.

— Por favor, me diga que você cantou no karaokê. Espero que alguém tenha gravado um vídeo. — Endireitei o corpo no assento, sorrindo.

Eu não conseguia imaginar o meu namorado malvadão, que pilotava uma motocicleta, cantando no karaokê.

— Diga-me que colocaram você para cantar alguma coisa incrivelmente cafona, como... sei lá. “Blue Suede Shoes”, do Elvis Presley.

Havia uma gravação caseira de quando éramos crianças em que a mãe de Noah e Lee cantava “Blue Suede Shoes” junto com o rádio. Noah também aparecia, com talvez oito ou nove anos de idade, dançando junto com a mãe, imitando todas as coreografias clássicas de Elvis e errando metade da letra. Seus pais encontraram o vídeo havia algumas semanas e Lee o salvou em seu celular, caso precisasse chantagear Noah algum dia.

— O que você tem contra “Blue Suede Shoes”?

— Está querendo me dizer que você cantou “Blue Suede Shoes”? — o provoquei, sorrindo.

— Eu definitivamente não cantei no karaokê — ele me disse, com a voz grave. — Mas gravei uns vídeos com os outros caras cantando. Material ótimo para chantagem.

Eu ficava assustada, às vezes, com o quanto Noah e Lee eram parecidos. Mesmo com tantas diferenças.

— Bem... os outros rapazes... — Meus dedos começaram a tamborilar no volante. Engoli em seco. — Eles vão fazer alguma coisa nessas férias do começo da primavera?

— Um monte de gente viajou para a Flórida. — Eu conseguia praticamente ver ele revirando os olhos enquanto falava aquela frase. E ele se animou um pouco quando acrescentou: — Incluindo Steve.

Bem, aquela era uma notícia muito bem-vinda. Até poucos dias atrás, o colega de quarto de Noah ainda não tinha decidido como ou onde iria passar os dias de férias. Fiquei aliviada por termos o quarto só para nós.

— Algumas pessoas voltaram para casa, mas muitas ainda estão por aqui. Alguns dos rapazes do time de futebol

americano, algumas pessoas da minha turma... — Noah pigarreou. — Ah. E Amanda ficou por aqui também.

Tentei digerir aquela notícia por um momento. Amanda foi um dos motivos pelos quais nós terminamos o namoro durante alguns meses no ano passado. Uma foto de Amanda beijando a bochecha de Noah em uma festa, com os braços ao redor dele, apareceu na internet. Descobri que Noah estava escondendo um segredo de mim, mas que havia contado a ela; e isso bastou para que eu me convencesse de que ele estava me traindo. Terminei o namoro com ele, despedaçando o meu próprio coração no processo.

E então ele a trouxe para a casa da família para passar o feriado de Ação de Graças. Obviamente, nós conseguimos dar um jeito na situação, mas ele escondeu de mim que estava tendo dificuldades em várias matérias da faculdade. Ele e Amanda eram apenas amigos.

Às vezes, eu ainda tinha dificuldade para manter a cabeça fria e não surtar com aquela situação. Eles eram próximos. Amanda era uma pessoa afetuosa. Mas eu me esforçava para lembrar a mim mesma de que Lee e eu éramos próximos também, e que não havia nada de romântico entre nós. Precisava confiar em Noah quando ele disse que sua amizade com Amanda era similar. Ele me deu espaço para deixar que eu absorvesse aquela notícia, e eu fiquei grata por isso.

Cheguei a ver Amanda umas duas vezes enquanto conversava com Noah pelo FaceTime. Eu a seguia no Instagram, e ela me seguia também. E ela era tão agradável que era impossível odiá-la, mesmo se eu quisesse. Admito que quis, algumas vezes. Tive inveja de Amanda por ela poder passar tanto tempo em companhia de Noah, e pelo fato de ela ter uma ligação com ele que eu nunca teria. Por outro lado, imaginei que era assim que Rachel se sentia em relação a Lee e a mim. Engoli o orgulho e o ciúme dizendo:

— Que ótimo! Vamos ter que sair todos juntos para jantar. Vai ser ótimo vê-la de novo.

Noah não conseguiu esconder muito bem o alívio que sentiu com a minha reação. Seu suspiro sibilou pelo telefone e ele disse em voz baixa:

— Obrigado, Elle. Amanda está empolgada para vê-la de novo, você sabe.

— Ela não quis voltar para a casa da família para passar as férias?

Amanda era britânica e seus pais moravam em algum lugar na Inglaterra, e foi por isso que Noah a convidou para a casa da família Flynn para celebrar o feriado de Ação de Graças. Embora, naquela época, eu não soubesse disso e acreditava que eles estavam tendo um relacionamento.

— Ela se inscreveu em um programa de voluntariado que vai lhe ocupar as férias inteiras. Você sabe, para melhorar o currículo quando começar a procurar estágios. Além disso, a família dela está fazendo um tour pela Europa. Amanda disse que não tinha vontade de passar duas semanas inteiras enfiada em um navio com eles. — Ele riu de alguma piada interna que eu claramente não entendi.

— HA-HA-HA. Certo. Bem, se houver outra noite com boliche e karaokê, nós podíamos ir. Aposto que Amanda e eu podemos arrastar você para o palco.

— Vá sonhando. — Riu ele. — Caramba, estou louco para ver você. Será que vocês não podem ir até o aeroporto mais próximo e pegar um avião?

— São só mais uns dois dias. Estamos fazendo um progresso incrível, sabia? Já estamos no Novo México. Além disso, quer mesmo que eu desista dessa oportunidade única na minha vida, de atravessar o país de carro com o meu melhor amigo, só para poder passar mais tempo beijando você?

— Com toda certeza. — Ele nem hesitou.

— Ah, cale a boca. — Eu ri.

— Estou falando sério. Sabe de uma coisa? Quando você chegar aqui, esqueça essa ideia de conhecer Boston. O Uber Eats existe. Não precisamos nem sair do quarto. Vamos passar o tempo todo juntinhos.

Eu senti que estava corando, e dei uma olhada rápida em Lee. A cabeça dele estava inclinada para trás, e ele estava babando, com a boca aberta.

— Acho que é melhor desligar — disse Noah, bocejando e balbuciando as palavras. — Não quero distrair você.

— Ah, faça-me o favor. — Eu revirei os olhos, sorrindo. — Admita que você está com sono.

— Eu podia ficar acordado a noite inteira conversando com você, neném.

— Ah, é mesmo? Vou pagar para ver.

— Boa noite, Elle — disse ele. — Amo você. Chegue logo, está bem? E tome cuidado na estrada.

— Amo você também. E agora vá dormir, seu pateta grandalhão.

Noah desligou o celular e o aparelho de som voltou a reproduzir o meu podcast. E a dor no peito que sempre aparecia quando sentia saudades dele apareceu, mesmo que conversássemos todos os dias. Saber que eu estava a apenas dois dias (e alguns milhares de quilômetros) de distância dele deixava a dor pior do que jamais estive. Passar tanto tempo longe era difícil. E, depois das férias da primavera, não fazia ideia de quando voltaríamos a nos ver.

Endireitei os ombros e ajustei as mãos no volante. Não, não era bom ficar pensando assim. Eu não queria desperdiçar nenhum dos próximos dias me lamentando pelo quanto sentiria a falta dele depois que voltasse.

Agora, eu estava em uma viagem única na minha vida, junto do meu melhor amigo. Não ia deixar que hipóteses sobre Noah

me deprimissem. Estava determinada a fazer com que estas férias fossem as melhores de todos os tempos.

**PASSAMOS PELAS CIDADES ÀS MARGENS DA RODOVIA I-44 EM** Oklahoma, vendo a paisagem ficar mais verde, mais vívida e mais cheia de folhas. Quando chegamos ao Missouri, Lee já estava de saco cheio de passar o tempo todo no carro.

Até o momento, tínhamos feito somente uma parada que não envolvia colocar gasolina ou comer, em Miami, Oklahoma. Quando entramos na cidade, Lee me disse:

— Vamos lá, Shelly, temos que fazer alguma coisa nessa viagem que não seja apenas dirigir até Boston! Este é o sonho! É o melhor momento das nossas vidas! Ah, e agora também podemos dizer a todo mundo que fomos a Miami passar as férias.

— Você sabe que temos que mostrar isso às pessoas, não é?

Ele olhou nos meus olhos e sorriu. Paramos rapidamente em um restaurante para vestir nossas roupas de banho e pedimos para alguém tirar nossa foto enquanto pulávamos diante de uma placa onde se lia MIAMI. Lee conseguiu até mesmo encontrar uma boia inflável em forma de flamingo em uma loja de conveniência, e que agora estava colocada no banco de trás do carro, pois era grande demais para caber no porta-malas. Atraímos vários olhares estranhos dos moradores, mas a foto também conseguiu várias curtidas no Instagram, todas de nossos amigos que invejavam o quanto estávamos nos divertindo em nossa viagem.

Aquela breve parada aconteceu havia duas horas, e só serviu para deixar Lee ainda mais determinado a sair da estrada por algum tempo e fazer alguma coisa.